Classe C é 50% da população e eleitora "decisiva", diz estudo da FGV

(Não Assinado)

Pesquisa divulgada hoje foi feita com base em dados da PNAD. Em 2008, essa fatia de renda representava 49,2%. A classe C, também chamada de nova classe média, somou 94,9 milhões de pessoas em 2009 e chegou a 50,5% da população, de acordo com a pesquisa "A Nova Classe Média: O lado brilhante dos pobres", divulgada nesta sexta-feira (10) pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) e feita com base em dados da última Pesquisa Nacional de Amostragem por Domicílio (PNAD). Em 2008, essa fatia de renda representava 49,2%. Segundo o estudo coordenado pelo professor Marcelo Neri, do Centro de Políticas Sociais (CPS) da FGV, cerca de 29 milhões de pessoas entraram para a classe C entre 2003 e 2009. "Isso significa que a nova classe média poderia sozinha decidir um pleito eleitoral", diz Neri. "Complementarmente, esta também é a classe dominante do ponto de vista econômico", diz Neri no documento. Conforme o pesquisador, a classe C concentrava mais de 46,24% do poder de compra dos brasileiros no ano passado, contra o percentual de 45,66% em 2008. A parcela é maior que a das classes AB, que detinham no ano passado 44,12% do total poder de compra. A "base da pirâmide" social, formada pelas classes D e E, também encolheu de 2003 para 2009: de 96,2 milhões para 73,2 milhões, "sendo 2 milhões no ano da crise internacional. Isso significa que, nas últimas sete PNADs, mais de meia população do Reino Unido foi incorporada às classes ABC", afirma Neri. No estudo, o especialista comparou ainda o crescimento do Brasil ao dos países ao de outros BRICs, como a China. Embora a taxa de expansão brasileira seja bem menor, tem qualidade superior. "A qualidade do crescimento brasileiro é indiscutivelmente melhor que a da China em vários aspectos: melhor tratamento do meio ambiente e do trabalho juntamente com a igualdade crescente", diz. Mais renda O estudo da FGV identificou ainda que o crescimento do país nos últimos anos está mais baseado em geração de renda do que em consumo. Enquanto o índice sintético de potencial de consumo aumentou 22,6% entre 2003 e 2008, o índice de geração de renda subiu 31,2%. Para Neri, isso indica a sustentabilidade do crescimento. "Está prosperando mais o lado trabalhador do que o lado consumidor", afirmou. "Com isso, as empresas devem estar contentes, pois as pessoas vão poder continuar comprando." De acordo com o responsável pela pesquisa, "não é só crédito e programas sociais (a razão do crescimento da renda) - o Brasil foi para a escola nos anos 90, conseguiu trabalho com carteira assinada, está contribuindo para a Previdência, está investindo em computadores", comentou.